

Resenha do livro **REPENSAR A EDUCAÇÃO**, de Inger Enkvist

André Frangulis Costa Duarte

Academia Militar das Agulhas Negras - AMAN,
Resende-RJ, Brasil

Email: afcduarte@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4728-1658>

Érica Fernandes Costa Duarte

Associação Educacional Dom Bosco - AEDB,
Resende, RJ, Brasil.

Email: erica.fcduarte@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6877-6110>



RAN

Revista Agulhas Negras

eISSN (online) 2595-1084

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/aman>



<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

Este trabalho tem por objetivo resenhar uma das obras da educadora sueca Inger Enkvist – impressa originalmente em espanhol pelas *Ediciones Internacionales Universitarias* (2006) – e publicada em português com o título **Repensar a Educação**, em edição eletrônica pela *Bunker Editorial* (2014). Ambos os autores desta resenha são docentes em instituições de ensino superior brasileiras e, como tal, recebem estudantes em sua maioria nos anos finais da adolescência e oriundos da nossa Educação Básica. É notável a semelhança entre os fenômenos descritos nesta obra e o panorama que percebemos - daí o interesse e o ponto de vista que direciona nosso olhar docente para os conceitos emitidos por Inger Enkvist.

Repensar a Educação parte do pressuposto de que há uma ampla crise educacional, com transformações dramáticas em diversos países, tanto no âmbito familiar (com novos padrões de conduta), quanto nas escolas (pelo surgimento de um novo analfabetismo). Em nome do progresso científico, foi imposta uma ideologia educativa que não serve nem às necessidades dos jovens nem das sociedades. Os capítulos do livro iniciam-se caracterizando o que nos distingue como **seres humanos**, em especial quanto à nossa dependência para com os demais membros do grupo. Nascemos indefesos, nossa infância é prolongada e, além de seres sociais, somos seres culturais. Dessa forma, a aprendizagem de destrezas complexas (como a lecto-escrita) nos permite acessar os tesouros civilizacionais arduamente construídos ao longo de milênios, ao passo em que saciamos nosso anseio natural por pertencimento, aceitação e admiração em nosso meio.

Em seguida, a **educação na família** é esmiuçada a partir da ideia de que ela é a responsável pela “socialização artesanal” das crianças, da qual depende todo o trabalho educativo posterior. Para

a autora, exigir é incluir. O contrário seria abandoná-las, privando-as de desenvolver a responsabilidade e a atenção necessárias para realizar tarefas cada vez mais significativas nas etapas posteriores de desenvolvimento. Uma vez que são numerosas as famílias que não promovem a socialização primária de maneira satisfatória, sobrecarrega-se a escola já nos anos iniciais, desviando-se energia que deveria ser direcionada para outras aprendizagens.

A **educação na escola** também é percebida como uma atividade de transmissão cultural capaz de garantir a sobrevivência da sociedade, quando se prioriza a busca pelo conhecimento e o apuro na linguagem. É patente que, ao chegar à vida adulta, os jovens necessitam de níveis intelectuais e morais que os capacitem a conduzir os destinos da sociedade tão bem ou ainda melhor do que as gerações que os precederam. Ocorre que se arrisca a inviabilização do *ethos* da educação, ao serem atacadas as regras de comportamento, diminuído o respeito aos professores, afrouxadas as exigências escolares e desviadas as formações docentes de sua missão precípua - prover conteúdo.

Mas qual a origem dos fenômenos deletérios acima citados? É o que a autora denuncia como uma verdadeira “família terminológica” da **nova pedagogia**: a psicopedagogia, o pedagogismo, o construtivismo, a sociologia da educação e o igualitarismo escolar, todos de enorme (e nefasta) influência sobre a educação dos países ocidentais. Desvela-se, na sequência, o **contexto filosófico e ideológico** dessas ideologias: a peculiar noção de **liberdade** na qual o construtivismo se baseia (liberdade essa, advinda da ideia de que conseguimos construir qualquer conhecimento – “libertando” os alunos, portanto, do ensino estruturado em sala de aula).

Também é denunciado o **relativismo moral e cultural** que atinge a autoridade da escola, da família e de outras instituições sociais, uma vez que todas as “verdades” se equivalem; e o **niilismo** oriundo da vanguarda artística da primeira metade do século XX e de autores posteriores, como Michel Foucault e Pierre Bourdieu, os quais insistem no caráter repressor da sociedade e veem a escola como um instrumento legitimador do poder das “classes dominantes”.

Passa-se, então, a contrapor este contexto com **críticas filosóficas ao construtivismo**, baseando-se nas ideias de José Maria Barrio Maestre, para quem o construtivismo se perde em puro ativismo, ao desprezar o estudo teórico em favor da prática; e de Steven Pinker, o qual percebe uma mistura de ciência e de utopia política que prega o igualitarismo e o progressismo, desconsiderando que as capacidades dos alunos são diferentes, que a aprendizagem nas escolas não é natural, nem sempre agradável e que exige apoio de toda a sociedade para que o esforço se mantenha.

Inger Enkvist põe-se, então, a conectar o **estruturalismo marxista ao multiculturalismo**: a crítica às “classes dominantes” passa a se traduzir em uma desconfiança aos valores próprios das culturas ocidentais, e à inversão de que – em lugar de ensinar ao aluno uma cultura que ainda não conhece – os docentes devem priorizar o direito da criança de preservar sua própria cultura, o que se traduz, em especial (mas não somente) nas escolas periféricas, em tolerar a ignorância.

A seguir, revela-se que as escolas estão imersas em uma mística social pseudodemocrática que intenta “construir” um novo homem, com atitudes mais igualitárias, ainda que à custa de conhecimentos que deveriam ser adquiridos durante a formação. Trata-se de uma **educação totalitária**, própria de uma ditadura do proletariado, em que se prega a transformação dos jovens em “autônomos”, mas que, na prática, os deixa indolentes, infantilizados e despreparados para a vida adulta, ao liberá-los de compromissos, de esforços e da autoridade das gerações mais antigas.

No capítulo posterior, enumeram-se **três problemas agravados pelo pedagogismo**: o *impacto da televisão* (antevendo o que enfrentamos hoje, com o uso indiscriminado e pervasivo das mídias sociais); *a violência* (aspecto no qual a autora se vale da observação orwelliana de que há intelectuais fascinados pela brutalidade e pela luta pelo poder, enquanto toleram e até admiram o delito); e *a adaptação dos imigrantes ao novo país*, em que ocorrem fenômenos (notadamente, na França) em certa medida análogos aos das periferias das grandes metrópoles brasileiras (como verdadeiros *territórios perdidos da República*, nos quais somente se acata a lei dos líderes locais).

No capítulo conclusivo, Inger Enkvist propõe algumas sugestões para **recuperar a educação**, dirigindo-se a pais, professores e políticos, exatamente os atores que costumam ser citados positivamente quando bons resultados educacionais são alcançados. Para a autora, as famílias devem reassumir seu papel de líderes e de modelos para seus filhos, proporcionando um ambiente sereno e de convivência regular, com parcimônia na dosagem de atividades extracurriculares. Também devem acompanhar bem mais de perto o que acontece no colégio – por um lado, desconfiando de modas psicopedagógicas e de aprendizagens excessivamente lúdicas – e, por outro, apoiando o trabalho lá realizado e abstendo-se de criticar professores diante dos filhos.

Por sua vez, as escolas devem prezar pela formação de suas equipes, recuperando seu papel modelar. Na ênfase pela busca do conhecimento, deve-se priorizar a leitura e a escrita, sem progressões anuais automáticas. Os resultados da aprendizagem (de alunos e da própria escola) devem ser medidos, em paralelo à assistência social prestada. No plano político, a formação de professores deve livrar-se dos “falsos profetas do pedagogismo” e focar o ensino de conteúdos, provendo formação complementar para os docentes que já atuam nas escolas. As unidades escolares devem possuir menos alunos e, aos adolescentes, especialmente, deve ser facultada a opção por diferentes programas e ritmos curriculares, diminuindo o risco de violência escolar.

Já em suas palavras finais, a autora conclama professores universitários a reagir com mais rigor perante essa problemática. Ela reconhece que parte do problema é a vacuidade dos mecanismos do pedagogismo, uma vez que é difícil rebater-se algo que é, por natureza, incoerente, insubstancial, enganoso e, ainda mais inacreditável, financiado com dinheiro público. Ainda que nos seja penoso acreditar no que temos diante dos olhos, faz-se urgente **Repensar a Educação**.

Em suma, a obra nos apresenta, sem meias-palavras, as inquietações de Inger Enkvist acerca da educação atual no mundo ocidental. Que o leitor não se equivoque em caracterizar como superficiais suas sugestões finais. A estratégia para se vencer uma batalha cultural não passa por outro caminho, seja ele mais fácil ou objetivo. É na cultura que se deve agir, uma vez que as denúncias efetuadas são graves e de resolução urgente e trabalhosa. Urge-se conscientização e trabalho por parte desta e das próximas gerações para reverter esse sombrio quadro educacional. Afinal, o que está em questão é o futuro de nossa sociedade – nas palavras da autora, em nenhuma ocasião histórica sobreviveu um grupo que não tenha sido capaz de formar a geração que lhe sucedia.

Referência:

ENKVIST, Inger. **Repensar a educação**. Tradução de Daniela Trindade. São Paulo: Bunker Editorial, 2014.